

A BURGUESIA, AS REGRAS E A MORALIDADE: UMA ANÁLISE DO PADRÕES SOCIAIS NO ROMANCE “OS SOFRIMENTOS DO JOVEM WERTHER”

THE BOURGEOISIE, THE RULES, AND MORALITY: AN ANALYSIS OF SOCIAL PATTERNS IN THE NOVEL “THE SUFFERINGS OF THE YOUNG WERTHER”

Lucas José Mascarello de Jesus*

Resumo: Este artigo procura analisar como a representação da burguesia alemã do final do século XVIII se dá na obra “Os Sofrimentos do Jovem Werther” do escritor Johann Wolfgang von Goethe. Além de propor uma reflexão de como essa burguesia constrói os padrões morais e as regras que permeiam toda a sociedade da época. Para isso, abordou-se aqui discussões acerca de diferentes temas, como o sistema hierárquico e de privilégios, além da questão do amor e o suicídio. Diante disso, e com o amparo de uma bibliografia diversificada sobre as diferentes temáticas, busca-se mostrar como a literatura, e em especial neste caso os romances, são fontes importantes para se perceber o funcionamento de uma sociedade, e como o poder burguês excede o campo da economia e da política, revelando seus impactos diretos em como o indivíduo enxerga o valor e a relevância da própria vida.

Palavras-chave: Burguesia; Moralidade; Sociedade; Romance; Os sofrimentos do jovem Werther.

Abstract: This article seeks to analyze how the representation of the German bourgeoisie at the end of the 18th century takes place in the work “The Sorrows of Young Werther” by writer Johann Wolfgang von Goethe. Furthermore, it proposes a reflection on how this bourgeoisie builds the moral standards and rules that permeate the entire society of that time. For this, it approached discussions on different topics, as hierarchical and privilege systems, in addition to the issue of love and suicide. In light of this, and with the support of a diverse bibliography on different themes, it pursues to present how literature, and particularly novels, are valuable references to perceive the behavior of a society and how bourgeois power exceeds the field of economics and politics, unveiling its direct impacts on how the individual comprehends the value and relevance of life itself.

Keywords: Bourgeoisie; Morality; Society; Romance; The sorrows of young Werther.

* Graduando no curso de História (Licenciatura) pela Universidade Federal do Paraná. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8844046568743555>.

INTRODUÇÃO

Os Sofrimentos do Jovem Werther é uma obra do escritor alemão Johann Wolfgang von Goethe, nascido na cidade de Frankfurt, em 28 de agosto de 1749. O autor de fama internacional, publicou seu primeiro romance, que aqui é analisado, aos 25 anos. O livro se espalhou por toda a Europa, influenciando inúmeros autores que viriam posteriormente. Goethe também é autor de obras famosas, como “Fausto”, “As afinidades eletivas” e “Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister”. Pertencente ao movimento que daria origem ao romantismo, o *Sturm und Drang* (Tempestade e Ímpeto), Goethe é talvez seu grande representante. O autor, junto com outros do mesmo movimento, eram membros de uma reação ao racionalismo e ao iluminismo do século XVIII. Valorizavam a emoção, a espontaneidade, acima da razão (Guimaraes, 2017).

Goethe lança este que é seu primeiro livro em 1774, a Alemanha não era naquele momento um país unificado e ainda pertencia ao reino da Prússia, governado pelo rei Frederico II. Este era amigo de Voltaire, e responsável por levar para a Prússia os ideais iluministas, principalmente referentes à liberdade religiosa. Goethe, além de conterrâneo também era contemporâneo de grandes filósofos como Kant e Herder, este último foi para o autor um grande mentor, que lhe apresentou o ideal popular do que viria a se tornar o romantismo, além de autores como Homero (Celeti, 2012).

Seu romance, conta a história de Werther, um jovem que se muda para uma cidade no interior da Alemanha. Nesta cidade o jovem entra em contato com a natureza e conhece muitas pessoas de diferentes classes. Uma das pessoas que conhece é a jovem Charlotte. Por essa moça de grandes qualidades ele nutre um forte amor impossível, que lhe acarretará inúmeros sofrimentos e fazendo com que tome a mais extrema das atitudes para pôr fim a esse sofrimento.

Os *Sofrimentos do Jovem Werther* tem uma grande importância no contexto de seu lançamento. Influenciando não só o surgimento do romantismo como gênero literário, mas também a moda e o comportamento. Na carta do dia 6 de setembro de 1772, escreve sobre as roupas com que costumava se vestir, um casaco azul e calças amarelas. Que a partir daquele momento se tornaram moda por toda a Europa. Comportamentalmente temos algo que como apresenta Almeida (2000), foi denominado de Efeito Werther. Após ser lançado em 1774, o número de suicídios aumentou, e muitos atribuíram esse aumento a forma como Goethe apresentava o suicídio em seu livro. A visão, que ia contra aquilo que a igreja pregava, e que causou revolta dentro dessa, mostrava aos jovens que não se

A burguesia, as regras e a moralidade

podia levar a vida em total plenitude, já que as regras impostas impediam que isso ocorresse, desta forma o controle sobre viver ou não, ainda pertencia ao indivíduo.

O presente trabalho analisará então as questões voltadas para o sentimento, regras e normas morais estabelecidas pela sociedade da época e que segundo o personagem principal são ao mesmo tempo condutoras e limitadoras do homem. Abordará também as discussões sobre as classes sociais, suas hierarquias, privilégios, problemas e como a burguesia rege os padrões sociais. E como todas essas questões interferiram em sua escolha de abdicar da vida,

Segundo Lowy (2015), a principal característica do romantismo é sua crítica à sociedade burguesa. Essa crítica pode se dar de diferentes formas, seja apresentando uma total repulsa ao sistema de classes e em especial a classe burguesa, ou como no caso do romance de Goethe, e a seu personagem, Werther, uma crítica não a sociedade de classes, mas a distância e a forma como a relação entre essas classes se dão. Principalmente neste caso em como a burguesia se relaciona com o que denomina “gente do povo” (Goethe, 2010, p. 17).

Montóia (2018), nos apresenta que tanto Werther como Goethe são membros da burguesia e críticos da aristocracia. A Alemanha, do século XVIII, colocada no romance é para ela uma representação histórica de como aquela sociedade estava organizada naquele momento. Sociedade retratada como burguesa, superficial e presa a regras sociais. O posicionamento do personagem sobre as classes sociais e em especial a burguesia é de certo modo parcial. Werther não se posiciona, como já dito, contra a divisão de classes, seu posicionamento fica bem claro nos seguintes trechos, “Bem sei que não somos todos iguais, nem o poderíamos ser” (Goethe, 2010, p. 17) e posteriormente, “Sei tão bem quanto os outros, como a diferença de classes é necessária, e quantas vantagens me proporciona” (Goethe, 2010, p. 85). A crítica a que se propõe está muito mais relacionada ao comportamento entre os diferentes grupos, e em especial da burguesia com o povo. Werther conta, logo no início do livro, que conheceu muitas pessoas comuns na cidade no interior da Alemanha, para a qual se mudou, mas que no começo se chocou com o receio com que essa gente comum o tratava. Isto era decorrência de que as experiências dessas pessoas com a burguesia até então haviam sido na sua grande maioria negativas. Tinham medo de serem enganadas, maltratadas e humilhadas.

A burguesia, tem para ele, medo de ao fazer contato com o povo ser derrotada, e se afasta das pessoas comuns para se colocar em uma posição de respeito. “O que mais

me aborrece é a inexorável condição burguesa” (Goethe, 2010, p. 85), ou seja, a condição de nunca ceder, a burguesia se fecha em seu mundo, e por consequência disso, fica presa e limita a todos que estão a sua volta. Suas regras, padrões morais e seu apreço pelas leis são, na visão desse personagem, uma artimanha para manter o mundo que lhe dá privilégios de pé. Esse afastamento entre as classes não é apresentado no livro somente entre a burguesia e o povo. Em determinado momento da história Werther é convidado por um amigo Conde para um almoço, que define como o encontro da “flor da nobreza” (Goethe, 2010, p. 91). Infelizmente para o personagem, ele é o único burguês presente no evento, e os nobres, incomodados com sua presença, pedem ao Conde que ele se retire, o que acontece de imediato. A inexorável condição burguesa é também retratada aqui, quanto, segundo ele, os comentários que correm na cidade é de que é um presunçoso, que se sente autorizado “a passar por cima das convenções” (Goethe, 2010, p. 93).

Em uma passagem do livro Werther vai nos contar que quando estava em uma colina, avistou um menino sentado e resolveu desenhá-lo. Desenhou como via, sem acrescentar nada a cena, isso era para ela vital, já que a natureza dava ao artista tudo que ele precisava. Após isso, conclui:

Isso fortaleceu minha resolução de, doravante, ater-me exclusivamente à natureza. Só ela é de uma riqueza infinita; só ela forma o grande artista. Pode-se dizer muitas coisas em favor das regras, mais ou menos o que se pode dizer em louvor da sociedade burguesa. Um homem que se forma de acordo com as regras jamais produzirá algo absurdo ou mal, como o que se guia pelas leis e pela moralidade nunca pode se tornar um vizinho insuportável ou um malfeitor; mas também, por mais que se diga, toda regra sufoca o verdadeiro sentido e a verdadeira expressão da natureza. [...] devo fazer-lhe uma comparação. Acontece o mesmo com o amor. Um rapaz que se apaixona por uma moça; passa ao lado dela todas as horas do dia; consome todas as suas forças, todos os bens que possui, para provar-lhe, a cada momento, que se entrega a ela sem reservas. Surge, então, um pretensioso, alguém com bom cargo público, e lhe diz: “meu jovem senhor: amar é próprio da natureza humana, mas é necessário amar como homem. Divilda as suas horas: consagre umas ao trabalho, e o tempo livre à sua amada. Faça o balanço de seus bens e, após ter atendido a todas as suas necessidades, não o censuro se usar o excedente para presentear a sua amada, mas não exagerando; por exemplo, no dia de seu aniversário, no dia de seu santo protetor...”. Se o nosso apaixonado lhe der ouvidos, tornar-se-á um jovem muito útil, e eu próprio não vacilaria em aconselhar algum príncipe a lhe dar um emprego; mas o seu amor está liquidado, assim como sua arte, se for artista. Oh, meus amigos, por que transborda tão raramente a torrente do gênio? Por que razão tão raramente ela se agita em grandes ondas e faz estremecer suas almas admiradas?... Caros amigos, é porque nas duas margens habitam tranquilos burgueses, cujo os belos canteiros de tulipas e plantações de hortaliças seriam devastados pela torrente caso não soubessem, com diques e canais, evitar intelligentemente o perigo que os ameaça (Goethe, 2010, p. 22-23).

A burguesia, as regras e a moralidade

Duas questões importantes sobre a temática abordada aqui podem ser percebidas a partir desse trecho. Vamos ater-nos primeiramente a questão burguesa. Logo no começo temos a evidente associação entre as regras e a burguesia e como isso é importante para construirmos e mantermos uma sociedade civilizada. Isso vai ao encontro da já comentada crítica parcial à burguesia. Posteriormente temos o exemplo aplicado ao amor, onde sua ideia de que o excesso de regras limita e faz determinado objeto perder seu valor, nesse caso o amor. O homem pretensioso que mostrou ao jovem como não ser somente um homem apaixonado, mas também útil, é o burguês, é dele que provém o modelo que deve ser seguido para que a sociedade funcione, ou seja, um homem que trabalha e tem controle sobre seus dinheiro e ímpetos. Mas para Werther, é nesse momento, em que o cidadão se torna útil e seguidor de todos os padrões, que o real valor de sua vida se perde. Por fim, temos, talvez, a mais clara metáfora de como funciona uma sociedade que é dominada pela razão burguesa. O povo é nela representado como um rio, e rios são perigosos quando transbordam ou correm com muita força, destruindo tudo o que antes estava tranquilo em suas margens, ou neste caso, a vida burguesa. Para isso são construídos, diques e canais, regras e padrões morais, que garantem a estabilidade. O rio correrá calmo, seguindo o fluxo que foi estabelecido por aqueles que temem seu poder.

Um segundo ponto que pode ser retirado dessa citação é a importância da natureza. Ao contrário dos iluministas, aos quais o autor se coloca em oposição, temos um protagonismo da natureza como guia para o homem, e não a razão. Werle (2017) nos traduz isso de forma simples, a natureza é para Werther a representação da amplitude, ou seja, o vasto mundo que é possível para o homem está nela. Já a razão, priva e limita a sociedade. Ao atrelarmos esse uso da razão à evolução científica, e consequentemente as cidades, temos mais um posicionamento contrário, “A cidade, em si, é desagradável; mas, nos arredores, a natureza é incrivelmente bela” (Goethe, 2010, p. 14). Outro ponto vital do uso da razão é dar às coisas um sentido, mas mais uma vez o personagem nos apresenta um questionamento, será mesmo que é necessário formalizar o que vemos na natureza. O pensamento iluminista propunha que o mundo era um campo inteligível, que através do uso da razão o homem poderia compreender até mesmo a natureza (Morin, 2005). Já o personagem de Goethe não vê sentido nesta busca incessante, apreciar e retratar é para ele suficiente.

O trabalho é também um objeto importante para perceber a influência do pensamento burguês perante a sociedade. O já citado homem útil é para Werther uma questão que gera inúmeros desdobramentos em sua vida e em seu pensamento. Proveniente de uma família com posses, o jovem nunca precisou trabalhar. Mas após passar a sofrer em decorrência do amor, usa de seus contatos com um ministro para conseguir um emprego, junto a um embaixador em outra cidade, para se afastar da mulher amada. Vê no trabalho uma forma de fugir, “Juro que por vezes aspiro a ser um trabalhador comum para ter ao menos, pela manhã ao despertar para mais uma jornada, a perspectiva de alcançar um objetivo, alimentar uma esperança” (Goethe, 2010, p. 70). Porém percebe no trabalho um limitador, “Mas, quando reflito melhor, lembro-me da fábula do cavalo que, cansado de sua liberdade, se deixa selar, montar, e se acaba de tanto ser cavalgado e esmoreando...” (Goethe, 2010, p. 70). O trabalho prende o homem, e o limita ao hábito, faz deixar de lado a vida e a sensibilidade (Werle, 2017).

Atrelado ao trabalho temos a idealização de um futuro melhor. Como visto por Rossi (2000) a ideia de progresso apontava que no futuro estava o lugar melhor, e que este sairia da crise, superada obviamente com o uso da razão. “Deus do céu! é esse o destino que reservou aos homens: só torná-los felizes antes de alcançarem a razão e após tê-la perdido” (Goethe, 2010, p. 120). Werther, mais uma vez em posicionamento contrário, não enxerga que o futuro é um lugar melhor, não existe para ele o progresso infindável e contínuo. O futuro, para Goethe, aqui não existe, não possui um real valor (Rocha; Gomes; Marangon, 2018).

Acontece com o futuro, o mesmo que com as coisas que estão longe. Um imenso, obscuro horizonte se estende diante de nossa alma; perdem-se nele nossos sentimentos, bem como nossos olhares, e ardemos, sim!, do desejo de dar tudo que somos para saborear plenamente as delícias no sentimento único, enorme, sublime... E quando chegamos lá, quando o distante se tornou aqui, tudo é o mesmo que antes - continuamos na miséria, em nossa esfera restrita, e nossa alma suspira pela ventura que lhe escapou (Goethe, 2010, p. 39).

A partir da ideia de futuro, podemos fazer uma ponte entre o futuro e a criança, ou a infância. “Analizando a criança de um ponto de vista histórico, é possível perceber que [...] é um constructo histórico que ao longo do tempo, se constituiu junto com a forma de organização da sociedade burguesa” (Molina; Santos, 2017). Werther vai nos dizer então que a burguesia adulta, que é quem construiu, como dito acima, a definição de criança, se coloca em oposição a ela, para tentar se diferenciar, mas que ao fim ambos são seres dominados.

A burguesia, as regras e a moralidade

As crianças não sabem o motivo de seus desejos, apenas querem as coisas [...]; mas também os adultos, como as crianças caminham pela terra com um andar indeciso e, como elas - não sabendo de onde vem nem para onde vão — agem tão pouco visando o fim verdadeiro (Goethe, 2010, p. 20).

As crianças estão para mim acima de tudo. Quando as observam e nelas percebo o germe de todas as virtudes, de todas as faculdades, cujo uso lhes será vital um dia. [...], contudo [...], essas crianças que são nossas iguais, e que deveríamos tomar como modelo, nós as tratamos como seres subalternos (Goethe, 2010, p. 40)

Dessas duas citações tiramos mais uma vez a crítica à ideia de futuro. Mas desta vez o personagem questiona se realmente há um interesse no futuro dentro da sociedade burguesa. Saciar desejos, que não possuem um real motivo é a razão, para ele, do porquê a burguesia é como crianças e está se utilizando do futuro para controlar o percurso da sociedade. Não para levá-la para algum lugar, mas para mantê-la no lugar onde os privilégios burgueses já estão sendo garantidos. Na segunda citação percebemos que não só há a subalternização do povo, mas também das crianças. Essas pelo contrário são iguais aos adultos, em oposto a diferença de classes, a diferença etária para ele não existe.

Uma questão central do romance de Goethe é a discussão acerca do suicídio. Essa questão também pode ser entendida através dos padrões morais estabelecidos tanto pela igreja como pela burguesia. Na carta enviada ao amigo em 12 de agosto de 1771, Werther narra uma conversa que teve com Albert, até então noivo de Charlotte. Na conversa entram em uma discussão sobre o suicídio, onde Albert, no papel de burguês e cheio de convicções morais, se posiciona contrário ao suicídio. Werther, por outro lado, diz não entender o porquê as pessoas julgam aqueles que tiram a própria vida, para ele é da natureza humana sucumbir, temos um limite, seja de alegria ou sofrimento. E quando o limite é ultrapassado, o suicídio é sim uma saída, que não torna ninguém fraco, mas uma pessoa que entende seus limites e que não foi capaz de superá-los. O homem por mais limitado que seja, ou seja, não importando sua classe, condição financeira ou intelectual, “traz sempre no coração o doce sentimento da liberdade e sabe que poderá deixar este cárcere quando quiser” (Goethe, 2010, p. 21).

No trecho “certas ações serão sempre imorais, sejam quais foram os motivos que a provocaram” (Goethe, 2010, p. 61), dita por Albert, podemos perceber então como o suicídio era uma coisa injustificada em qualquer situação. Já a visão da igreja pode ser percebida na última frase do livro, quando é narrado o velório de Werther, que havia cometido suicídio, “Nenhum sacerdote o acompanhava” (Goethe, 2010, p. 160). A ideia

de que o personagem era um pecador e que por isso não merecia a presença de representantes de Deus é clara.

Para Camus (s.d.) o suicídio sempre foi um fenômeno social, ou seja, não está somente atrelado aos interesses ou visões do indivíduo que pretende cometê-lo, mas está vinculado a todo um pensamento que permeia a sociedade em que se insere. Como pôde ser assim identificado no romance de Goethe e nas questões levantadas pelo personagem Werther. É importante perceber, como já mencionado pelo personagem, como para Pereira (2015) que a vida precisa de motivos, e que se os motivos impostos pela sociedade para isso não são por esse indivíduo considerados realmente válidos, a opção pela morte passa a ser.

A causa de seu suicídio é obviamente o amor, mas é o ideal de amor colocado sobre ele através da sociedade burguesa da época. Seu amor não cabe na sociedade a que pertence. Ele ultrapassa os limites, os padrões e coloca em risco a ordem estabelecida pela sociedade de como deve ser uma relação amorosa.

O ideal romântico de integrar paixão, amor, sexo e casamento, juntamente com as virtudes burguesas de pureza, honestidade, sinceridade, etc., levam verter a se convencer da impossibilidade de sua paixão, a confirmar se o pessimismo romântico e seu fim trágico. Sua inviável relação amorosa representa também sua inadequação social (Santos, 2011).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pela observação dos aspectos mencionados, podemos concluir que a obra de Goethe é um passo inicial na crítica à burguesia apresentada pelo romantismo definido por Lowy. Sua crítica ao sistema de regras e padrões morais, tendo como ponto de partida o amor e a natureza são aspectos importantes de sua obra. A análise de seu posicionamento contrário ao iluminismo, mesmo que não de forma direta, mas sim dentro da crítica a razão mostram como há a necessidade de perceber os movimentos contrários às ideologias hegemônicas predominantes em cada época, e como tais posicionamento são importantes para a construção de uma imagem mais ampla e aproximada de um passado histórico.

Além disso, seu ato final, o suicídio, é uma demonstração não somente do que ele definiu como liberdade e poder do homem, mas também uma forte e poderosa crítica ao poder de destruição do ser humano, causado pelas regras e padrões morais que a burguesia impõe sobre toda a sociedade. A discussão levantada por ele sobre o suicídio no século XVIII continua atual e importante, a vida é um direito de todo ser humano, e

A burguesia, as regras e a moralidade

decidir se quer dele gozar deve ser também seu direito. A leitura deste livro é de grande relevância para compreender pensamentos de uma época e as críticas que eram feitas a ele em seu próprio tempo. Perceber como religião e o sistema de classes foram e ainda estão relacionados em como nossa sociedade constrói sua noção de certo e errado, de moral e imoral, além dos papéis e lugares de cada um dentro dessa ordenação, é vital não somente para entender, como já mencionado, a obra de Goethe, mas também nossa própria formação enquanto indivíduo e grupo e como devemos problematizar e discutir tais influências.

REFERÊNCIAS BILIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, A. F. Efeito de Werther. *Análise psicológica*, Lisboa, v. 18, n. 1, p. 37-51, 2000.
- BITTENCOURT, R. P. Aspectos Históricos e Sociais da Formação do Romance em Países da Periferia do Capitalismo. *LL JOURNAL*, Campinas, v.5, n.2, p. 1-5, 2010.
- BRAUNER, D. C. O eterno feminino em Os sofrimentos do jovem Werther, de Goethe e Dom Casmurro, de Machado de Assis. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Estadual Paulista. São Paulo, 2021.
- CAMUS, A. *O mito de Sísifo*. Exilado dos livros, s.d.
- CELETI, F. R. Origem da educação obrigatória: um olhar sobre a Prússia. *Revista Saber Acadêmico*, Diadema, v. 1, n. 13, p. 29-32, jun. 2012.
- GOETHE, J.W. *Os Sofrimentos do Jovem Werther*. Tradução de Leonardo César Lack. São Paulo: Abril, 2010.
- GUIMARAES, A. R. G. P. GOETHE: POETA E PSICANALISTA. *Trama*, [S. I.], v. 13, n. 30, p. 59-76, 2017.
- LOWY, M. O que é o romantismo? Uma tentativa de redefinição. In: LOWY, M. *Revolta e melancolia*. São Paulo: Boitempo, p. 19-84, 2015.
- MONTOIA, M. L. G. A literatura romântica de Goethe através da obra os sofrimentos do jovem Werther. *Revista Cadernos de Clio*, [S.I.], v. 9, n. 2, p. 11-29, 4 nov. 2020.
- MORIN, E. Para além do Iluminismo. *Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia*, n. 26, p. 24-28, abril, 2005.
- PEREIRA, C. C. A análise da construção do suicídio através da narrativa de um amor impossível na obra Os sofrimentos do jovem Werther, de Goethe. *Revista Sem Aspas*, [S. I.], v.4, n.1, p.3347, jan./jun., 2015.
- PERUQUETTI, R.; DE CAMPOS, J.; BARCELLOS, N. Os Sofrimentos do Jovem Werther: do Sturm und Drang à contemporaneidade. *Contingentia*, [S. I.], v.8, n.2, p.81-92, jul./dez., 2020.
- ROCHA, A. W.; GOMES, C. C.; MARANGON, M. L. O TEMPO E O ESPAÇO DE WERTHER: A VOZ DE UMA CULTURA NO TEXTO LITERÁRIO. *Humanidades & Inovação*, [S.I.], v. 5, n. 10, p. 132-143, 2018.
- ROSSI, P. Sobre as origens da ideia de progresso. In: ROSSI, P. *Naufrágios sem espectador: a ideia de progresso*. Tradução de Álvaro Lorencini. São Paulo: Unesp, p. 47-109, 2000.
- SANTOS, J. D.; MOLINA, A. A. Infância e história: a criança na modernidade e na contemporaneidade. *Travessias*, v. 13, n. 1, p. 189-204, 2017.



A burguesia, as regras e a moralidade

SANTOS, R. R. *A influência no outro: das escritas do eu ao suicídio de Werther.*
Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria,
p.261, 2011.

WERLE, M. A. Natureza e sociedade no Werther de Goethe. *ARTEFILOSOFIA*, São Paulo,
v.12, n.22, p.38-49, julho, 2017.

Recebido em: 08/02/2022

Aprovado em: 25/05/2023